

# WOLFSONG

O CHAMADO

Green Creek, volume 1



TJ KLUNE 



# Sumário

capa

folha de rosto

dedicatória

epígrafe

grãos de poeira/frio e metálico

conversor catalítico/sonhando acordado

tornado/bolhas de sabão

lobo de pedra/dinah shore

menino bonito/se foder

ou nunca/oito semanas

garras e dentes/risadas

lua

quilômetros e quilômetros/sol entre nós

uma coisa de lobos/estamos sozinhos

lutar por mim/família é tudo

o chão que você pisa/o rei caído

short de cintura baixa/você e joe

e uma gravata-borboleta/qualquer coisa por você

a vida é isso/preciso de você

te dou um urso/machucar você

palavra de alerta/é um direito

a fera/fogo e aço

alfa

feridas abertas/o caminho de casa

nos ossos/te perder

antes de ir/agridoce

o primeiro ano/picadas de luz

o segundo ano/canção de guerra

o terceiro ano/conexão lunar mística

casa

como um lobo/eles sangraram aqui

uivava para você/sempre foi meu

amor

machucá-lo/a porra do nosso bando

essa casca vazia/batimento cardíaco

fera

canção do lobo

epílogo

sobre o autor

créditos

TJ KLUNE

# WOLFSONG

O CHAMADO

Green Creek, volume 1

Tradução  
Rita Sússekind



AVISO: ESTE LIVRO CONTÉM CENAS EXPLÍCITAS E CONTEÚDO ADULTO.

*Para Ely, por todos aqueles links do Tumblr.*

*Você sabe quais.*

*A vontade é real.*

*Ah, por favor, não vá, vamos te devorar, te amamos tanto!*  
MAURICE SENDAK, *ONDE VIVEM OS MONSTROS*





## grãos de poeira/frio e metálico

EU TINHA DOZE ANOS QUANDO MEU PAI COLOCOU UMA MALA perto da porta.

— Para que isso? — perguntei da cozinha.

Ele suspirou, baixo e áspero. Levou um instante para se virar.

— Quando você chegou em casa?

— Há um tempinho. — Minha pele coçou. Algo não estava certo.

Ele olhou para um velho relógio na parede. O plástico que cobria o mostrador estava rachado.

— Mais tarde do que imaginei. Bem, Ox... — Ele balançou a cabeça. Parecia agitado. Confuso. Meu pai era muitas coisas. Um bêbado. Irritado com palavras e punhos. Um diabo doce com uma risada que trovejava como aquela velha Harley-Davidson WLA que tínhamos reconstruído no verão passado. Mas ele nunca ficava agitado. Nunca ficava confuso. Não como estava agora.

Pressenti algo terrível.

— Sei que você não é um menino muito inteligente — falou ele. Olhou para a mala.

Era verdade. Eu não carregava o fardo de ter muita inteligência. Minha mãe disse que eu era normal. Meu pai me achava lento. Minha mãe dizia que não era uma corrida. Àquela altura ele já estava afogado no uísque e começou a gritar e quebrar coisas. Não bateu nela. Pelo menos não naquela noite. Minha mãe chorou muito, mas ele não bateu nela. Eu me certifiquei disso. Quando ele enfim começou a roncar na sua velha cadeira, fui para o meu quarto e me escondi embaixo das cobertas.

— Sim, senhor — disse a ele.

Ele olhou para mim, e para sempre vou jurar que vi um tipo de amor em seus olhos.

— Burro feito um boi<sup>1</sup> — afirmou. Não parecia maldade vindo dele. Simplesmente era.

Dei de ombros. Não era a primeira vez que me dizia aquilo, apesar de a mamãe já ter pedido para ele não fazer mais. Tudo bem. Ele era meu pai. Sabia melhor do que ninguém.

— Você vai sofrer muito — declarou. — Na maior parte da vida.

— Eu sou maior que a maioria — falei, como se isso quisesse dizer alguma coisa. E eu era. As pessoas tinham medo de mim, apesar de eu não querer isso. Eu era grande. Como o meu pai. Ele era um homem grande, com um barrigão, por causa da bebida.

— As pessoas não vão entendê-lo — disse ele.

— Ah.

— Não vão compreendê-lo.

— Não preciso que entendam. — Queria muito, mas dava para compreender por que não me entenderiam.

— Tenho que ir.

— Para onde?

— Embora. Veja...

— A mamãe sabe?

Ele riu, mas não parecia achar graça em nada.

— Claro. Talvez. Ela sabia o que ia acontecer. Provavelmente já há algum tempo.

Dei um passo em direção a ele.

— Quando você volta?

— Ox. As pessoas vão ser cruéis. Apenas ignore-as. Mantenha a cabeça baixa.

— As pessoas não são cruéis. Nem sempre. — Eu não conhecia tantas pessoas assim. Não tinha nenhum amigo de verdade. Mas as pessoas que eu

*de fato* conhecia não eram cruéis. Não sempre. Elas só não sabiam o que fazer comigo. A maioria delas. Mas tudo bem. Eu também não sabia o que fazer comigo.

E então ele falou:

— Você não vai me ver por um tempo. Talvez por um bom tempo.

— E a oficina? — perguntei-lhe. Ele trabalhava na Oficina do Gordon. Chegava em casa cheirando a graxa e óleo e metal. Com os dedos escuros. Tinha camisas com o nome bordado. *Curtis* costurado em vermelhos e brancos e azuis. Sempre achei isso incrível. A marca de um grande homem: ter seu nome bordado na camisa. Ele me deixava acompanhá-lo algumas vezes. Ensinou-me a trocar óleo quando eu tinha três anos de idade. A trocar pneu quando eu tinha quatro. A reconstruir o motor de um Chevy Bel Air Coupe 1957 quando eu tinha nove. Naquele tempo eu chegava em casa cheirando a graxa e óleo e metal e sonhava ter uma camisa com meu nome bordado. *Oxnard*, diria. Ou talvez apenas *Ox*.

— Gordon não se importa — foi o que meu pai disse.

Parecia mentira. Gordon se importava muito. Era rude, mas uma vez me disse que quando eu fosse mais velho poderia procurá-lo para conversar sobre um emprego. “Pessoas como nós devem ficar juntas”, dissera ele. Não entendi o que quis dizer com isso, mas o fato de que me achava alguma coisa era o suficiente.

— Ah — foi tudo que consegui responder para o meu pai.

— Não me arrependo de você — falou. — Mas lamento todo o resto.

Não entendi.

— Está falando de... — Eu não sabia do que ele estava falando.

— Lamento estar aqui — disse ele. — Não dou conta.

— Bem, não tem problema — falei. — A gente dá um jeito nisso. — Poderíamos simplesmente nos mudar.

— Não tem como dar certo, *Ox*.

— Você carregou seu celular? — perguntei, porque ele sempre esquecia.  
— Não esquece de carregar, para eu poder te ligar. Aprendi uma coisa nova em matemática que não entendi. O sr. Howse disse que eu podia te pedir ajuda. — Embora soubesse que meu pai não entenderia a matemática muito melhor do que eu. Chamava-se pré-álgebra. Isso me assustava, porque já era difícil no *pré*. O que aconteceria quando fosse só álgebra, sem o *pré* envolvido?

Reconheci a cara que ele fez. Era sua cara de irritação. Ele estava bravo.

— Não entendeu, porra? — vociferou.

Tentei não vacilar.

— Não — respondi. Porque não entendi mesmo.

— Ox — falou o meu papai. — Não vai ter matemática. Nem ligações. Não me faça me arrepender de você também.

— Ah — disse eu.

— Você precisa ser um homem agora. Por isso estou tentando te ensinar essas coisas. Vai cair um monte de merda em você. Você limpa e continua.  
— Seus punhos estavam cerrados nas laterais do corpo. Não entendi o motivo.

— Posso ser um homem — garanti-lhe, porque achei que isso faria com que se sentisse melhor.

— Eu sei — respondeu ele.

Sorri para ele, mas ele desviou o olhar.

— Tenho que ir — acabou falando.

— Quando você volta? — perguntei a ele.

Ele deu um passo cambaleante em direção à porta. Respirou fundo e o peito tremeu. Pegou a mala. Saiu. Ouvi sua velha caminhonete dando a partida lá fora. Ela se engasgou um pouco quando pegou. Parecia que ele precisava trocar a correia. Eu teria de lembrá-lo mais tarde.

MINHA MÃE CHEGOU TARDE NAQUELA NOITE, APÓS DOBRAR O turno no restaurante. Ela me encontrou na cozinha, no mesmo lugar em que eu estava quando meu pai saiu pela porta. As coisas estavam diferentes agora.

— Ox? — chamou ela. — O que está havendo? — Ela parecia muito cansada.

— Oi, mãe — falei.

— Por que você está chorando?

— Não estou. — E não estava mesmo, pois agora era um homem.

Ela tocou meu rosto. Suas mãos cheiravam a sal, batata frita e café. Seus polegares passaram pelas minhas bochechas úmidas.

— O que houve?

Olhei para ela de cima, porque ela sempre tinha sido pequena, mas, em algum momento do último ano, mais ou menos, eu havia ficado mais alto. Gostaria de me lembrar do dia em que aconteceu. Parecia algo monumental.

— Eu vou cuidar de você — prometi a ela. — Você nunca vai precisar se preocupar.

Seus olhos suavizaram. Dava para ver os pés de galinha. A rigidez da mandíbula.

— Você sempre cuida. Mas isso... — Ela parou. Respirou fundo. — Ele foi embora? — perguntou ela, e soou tão *pequena*.

— Acho que sim. — Enrolei o cabelo dela no dedo. Escuro, como o meu. Como o do meu pai. Éramos todos tão escuros.

— O que ele disse? — indagou.

— Eu sou um homem agora — falei para ela. Era tudo que ela precisava ouvir.

Ela riu de rachar.

ELE NÃO LEVOU O DINHEIRO QUANDO FOI EMBORA. NÃO TODO. NÃO que houvesse muito.

Também não levou nenhuma foto. Só algumas roupas. O barbeador. A caminhonete. Algumas ferramentas.

Se eu não soubesse do contrário, acharia que ele nunca tinha existido.

LIGUEI PARA O NÚMERO DELE QUATRO DIAS DEPOIS. ERA O MEIO DA noite.

Tocou algumas vezes antes de uma mensagem automática atender dizendo que esse número não existia mais.

Tive que pedir desculpas para a mamãe no dia seguinte. Segurei o fone com tanta força que quebrou. Ela disse que não tinha problema e nunca mais falamos no assunto.

EU TINHA SEIS ANOS QUANDO MEU PAI ME COMPROU MINHAS próprias ferramentas. Nada de coisa de criança. Sem cores vibrantes ou plástico. Tudo frio e metálico e de verdade.

Ele disse:

— Mantenha-as limpas. E Deus tenha piedade de você se eu as encontrar jogadas lá fora. Elas vão enferrujar e vou te dar uma surra. Isso não é brinquedo. Entendeu?

Encostei nelas com deferência porque tinham sido um presente.

— Tudo bem — respondi, incapaz de encontrar as palavras que traduziam o quanto aquilo encheu meu coração.

ENTREI NO QUARTO DELES (*DELA*) EM UMA MANHÃ, ALGUMAS semanas depois que ele se foi. Minha mãe estava no restaurante outra vez, trabalhando em mais um turno. Ela estaria com os calcanhares doloridos quando chegasse em casa.

Um raio de sol penetrava uma janela na parede. Pequenos grãos de poeira brilhavam à luz.

O quarto cheirava a ele. A ela. Aos dois. Algo misturado. Demoraria muito até parar. Mas aconteceria. Um dia.

Abri a porta do armário. Um dos lados estava quase totalmente vazio. Mas havia coisas deixadas para trás. Pedacinhos de uma vida que não existia mais.

Como as camisas de trabalho dele. Quatro delas, penduradas no fundo. Com *Oficina do Gordon* escrito em letras cursivas.

*Curtis*, todas elas diziam. *Curtis, Curtis, Curtis*.

Toquei cada uma delas com as pontas dos dedos.

Peguei a última do cabide. Vesti. Era pesada e tinha cheiro de *homem e suor e trabalho*. Eu disse:

— Certo, Ox. Você consegue.

Então comecei a abotoar a camisa. Meus dedos se atrapalharam, muito grandes e brutos. Eu era tolo e desajeitado. Todo mãos, braços e pernas, lento e atrapalhado. Eu era grande demais para mim mesmo.

Finalmente terminei de fechar o último botão e cerrei os olhos. Respirei fundo. Lembrei da aparência de minha mãe naquela manhã. As linhas roxas sob seus olhos. Os ombros caídos.

— Comporte-se hoje, Ox. Tente não arrumar encrencas — tinha dito ela, como se tudo que eu fizesse fosse arranjar encrenca. Como se eu vivesse encrencado.

Abri os olhos. Olhei no espelho da porta do armário.

A camisa era grande demais. Ou eu era pequeno demais. Não sei dizer. Eu parecia uma criança brincando de me fantasiar. Como se estivesse fingindo.

Fiz uma careta para o meu reflexo. Engrossei a voz e disse:

— Eu sou um homem.

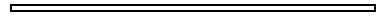
Não acreditei em mim mesmo.

— Eu sou um homem.

Estremeci.

— Eu sou um homem.

Em algum momento, tirei a camisa de trabalho do meu pai e a coloquei de volta no armário. Fechei as portas atrás de mim, os grãos de poeira ainda flutuando ao sol poente.



1. Trocadilho com o nome da personagem. Em tradução literal, *ox* significa “boi”. [N. E.]



## conversor catalítico/sonhando acordado

— OFICINA DO GORDON.

— Oi, Gordon.

Um rosnado.

— É? Quem está falando? — Como se ele não soubesse.

— Ox.

— Oxnard Matheson! Eu estava pensando em você.

— Sério?

— Não. Que porra você quer?

Eu sorri porque sabia. O sorriso parecia estranho no meu rosto.

— Também fico feliz em falar com você.

— É, é. Faz tempo que não te vejo, garoto. — Ele estava bravo com a minha ausência.

— Eu sei. Precisei... — Não sabia o que tinha precisado.

— Há quanto tempo o doador de esperma sumiu?

— Há uns dois meses, eu acho. — Cinquenta e sete dias. Dez horas.

Quarenta e dois minutos.

— Foda-se ele. Você sabe disso, certo?

Sabia, mas ele ainda era o meu pai. Então talvez não soubesse.

— Claro — respondi.

— Sua mãe está bem?

— Está. — Não. Eu não achava que estava.

— Ox?

— Não. Não sei.

Ele inspirou fundo e suspirou.

— Pausa do cigarro? — perguntei para ele, e doeu, porque aquilo era familiar. Quase conseguia sentir o cheiro da fumaça. Queimava meus pulmões. Conseguia vê-lo se me concentrasse o suficiente, sentado atrás da oficina. Fumando com as sobrancelhas franzidas. Pernas compridas esticadas, calcanhares cruzados. Óleo sob as unhas. Aquelas tatuagens coloridas e brilhantes cobrindo seus braços. Corvos e flores e formas que deviam ter algum significado que nunca entendi.

— Sim. Palitos da morte, cara.

— Você podia largar.

— Eu não largo nada, Ox.

— Cachorros velhos podem aprender truques novos.

Ele riu.

— Tenho 24 anos.

— Velho.

— Ox. — Ele sabia.

Então contei a ele.

— Não estamos bem.

— Banco? — perguntou ele.

— Ela pensa que eu não vejo. As cartas.

— Quanto atraso?

— Não sei. — Eu estava envergonhado. Não devia ter ligado. — Tenho que ir.

— Ox — rosnou ele. Curto e grosso. — Quanto?

— Sete meses.

— Aquele filho da puta desgraçado — falou. Estava com raiva.

— Ele não...

— Não, Ox. Simplesmente... não.

— Eu estava pensando.

— Ih, pronto.

— Você poderia...? — Minha língua estava pesada.

— Desembucha.

— Você poderia me arranjar um emprego? — falei correndo. — É só que precisamos do dinheiro e não posso deixar que ela perca a casa. É tudo que temos. Eu vou ser bom, Gordon. Faria um bom trabalho e trabalharia para você para sempre. Já ia ser assim mesmo, não podemos começar agora? Não podemos começar já? Sinto muito. Só que tem que ser agora porque eu preciso ser o homem agora. — Minha garganta doía. Gostaria de beber alguma coisa, mas não conseguia mover as pernas.

Gordon não disse nada inicialmente. E então:

— Acho que nunca o ouvi falar tanto de uma vez só.

— Não falo muito. — Obviamente.

— Pois é. — Ele pareceu achar graça. — Eis o que faremos.

ELE DEU O DINHEIRO PARA MINHA MÃE ACERTAR A HIPOTECA. Disse que descontaria do dinheiro que me pagaria clandestinamente até que eu pudesse trabalhar de forma legal para ele.

Minha mãe chorou. Ela recusou, mas depois se tocou de que não podia recusar. Então chorou e aceitou, e Gordon a fez prometer que contaria para ele se voltasse a ter dificuldades. Acho que ela pensou que ele era a melhor pessoa do mundo e talvez tenha tentado sorrir um pouco mais para ele. Talvez tenha rido levemente. Talvez tenha até inclinado o quadril um pouco.

Ela não sabia que eu já o tinha visto com outro homem quando tinha mais ou menos seis anos, segurando-o levemente pelo cotovelo enquanto entravam no cinema. Gordon ria com gosto e tinha estrelas no olhar. Não acho que ele se interessaria pela minha mãe. Nunca mais vi o homem com Gordon. E nunca mais vi Gordon com ninguém. Eu queria perguntar para ele, mas havia uma rigidez em seus olhos que não existia antigamente, então nunca disse nada. As pessoas não gostam de se lembrar de coisas tristes.

As cartas e os telefonemas ameaçadores do banco pararam.

Só levei seis meses para pagar Gordon. Ou ao menos foi o que ele disse. Eu não entendia muito bem como o dinheiro funcionava, mas achava que deveria ter demorado mais. Gordon disse que estava tudo certo e ficou por isso mesmo.

Nunca vi de fato muito do dinheiro depois disso. Gordon me contou que abriu uma conta no banco para mim, e que renderia juros. Eu não sabia o que significava *render juros*, mas confiava em Gordon.

— Para épocas de tempestade — ele havia dito.

Eu não gostava de tempestades.

JÁ TIVE UM AMIGO, UMA VEZ. ELE SE CHAMAVA JEREMY E USAVA óculos e dava um sorriso nervoso para muitas coisas. Tínhamos nove anos. Ele gostava de quadrinhos e de desenhar, e um dia me deu um desenho que tinha feito de mim como um super-herói. Tinha uma capa e tudo. Achei a coisa mais legal do mundo. Mas aí Jeremy se mudou para a Flórida e, quando eu e minha mãe procuramos a Flórida no mapa, ficava do outro lado de onde morávamos, no Oregon.

— As pessoas não ficam em Green Creek — me disse ela enquanto meus dedos tocavam as estradas no mapa. — Não tem nada aqui.

— Nós ficamos — respondi.

Ela desviou o olhar.

ELA ESTAVA ERRADA. AS PESSOAS FICAVAM *SIM*. NÃO MUITAS, MAS ficavam. Ela ficou. Eu fiquei. Gordon ficou. As pessoas da minha escola, apesar de poderem ir embora um dia. Green Creek estava morrendo, mas não estava morta. Tínhamos um mercado. O restaurante onde ela trabalhava. Um McDonald's. Uma única sala de cinema que passava filmes dos anos 1970. Uma loja de bebidas com barras na janela. Uma loja de perucas com cabeças de manequins na vitrine, cobertas por cabelos ruivos e negros e amarelos. A Oficina do Gordon. Um posto de gasolina. Dois

semáforos. Uma escola para todas as séries. Tudo no meio de um bosque no meio da Cordilheira das Cascatas.

Eu não entendia por que as pessoas queriam ir embora. Para mim, era meu lar.

NÓS MORÁVAMOS NO BOSQUE PERTO DO FINAL DE UMA ESTRADA DE terra. A casa era azul. Os rodapés, brancos. A tinta estava descascando, mas não importava. No verão tinha cheiro de grama e lilases e tomilho e pinhas. No outono as folhas quebravam sob meus pés. No inverno saía fumaça da chaminé, misturando-se à neve. Na primavera os pássaros cantavam nas árvores e à noite uma coruja piava *ru, ru, ru* até o amanhecer.

Havia uma casa no fim da nossa rua que eu enxergava através das árvores. Minha mãe alegava que era vazia, mas às vezes tinha um carro ou uma caminhonete estacionados na frente, e luzes acesas à noite. Era uma casa grande com muitas janelas. Eu tentava enxergar o lado de dentro, mas estavam sempre cobertas. Às vezes se passavam meses até que eu visse outro carro ali parado.

— Quem morava ali? — perguntei para o meu pai quando eu tinha dez anos.

Ele resmungou e abriu outra cerveja.

— Quem morava ali? — perguntei para a minha mãe quando ela chegou do trabalho.

— Não sei — respondeu ela, tocando na minha orelha. — Já não tinha ninguém quando viemos para cá.

Nunca perguntei para mais ninguém. Disse a mim mesmo que não o fiz porque o mistério é melhor que a realidade.

NUNCA PERGUNTEI POR QUE NOS MUDAMOS PARA GREEN CREEK quando eu tinha três anos. Nunca perguntei se eu tinha avós ou primos. Sempre fomos apenas nós três, até sermos apenas nós dois.

— ACHA QUE ELE VAI VOLTAR? — PERGUNTEI A GORDON QUANDO tinha catorze anos.

— Merda de computadores malditos — resmungou Gordon, apertando mais um botão do Nexiq acoplado ao carro. — Tudo tem que ser feito com computadores. — Apertou outro botão e a máquina apitou furiosamente para ele. — Não posso simplesmente abrir e descobrir por minha conta. Não. Tenho que usar *códigos de diagnósticos* porque é tudo automatizado. O vovô podia simplesmente *escutar* o motor e dizer qual era o problema.

Peguei o Nexiq da mão dele e acionei a tela correta. Achei o código e devolvi para ele.

— Conversor catalítico.

— Eu já sabia disso — falou com uma carranca.

— Vai ser caro.

— Eu sei.

— O sr. Fordham não tem condições de pagar.

— Eu sei.

— Você não vai cobrar o preço total, vai? — Porque Gordon era esse tipo de pessoa. Ele cuidava dos outros, mesmo que não quisesse que ninguém ficasse sabendo disso.

Ele disse:

— Não, Ox. Ele não vai voltar. Coloque isso na empilhadeira, tá?

MAMÃE ESTAVA SENTADA À MESA DA COZINHA, COM VÁRIOS PAPÉIS espalhados ao seu redor. Parecia triste.

Fiquei nervoso.

— Mais coisas de banco? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Então?

— Ox. É... — Ela pegou a caneta e começou a assinar. Parou antes de terminar a primeira letra. Repousou novamente a caneta. Olhou para mim.

— Vou ser correta com você.

— Eu sei. — Porque sabia mesmo.

Ela pegou a caneta e assinou. E assinou de novo. E de novo. E de novo.

Também rubricou algumas vezes.

Quando acabou ela disse:

— Pronto. — Ela riu e se levantou e pegou minha mão e dançamos pela cozinha ao som de uma música que nenhum dos dois podia escutar. Após um tempo, ela saiu.

Já estava escuro quando olhei para os papéis sobre a mesa.

Eram de divórcio.

ELA VOLTOU A USAR O NOME DE SOLTEIRA. CALLAWAY.

Perguntou se eu também gostaria de mudar o meu.

Respondi que não. Eu faria de Matheson um bom nome.

Ela pensa que não vi suas lágrimas quando eu disse isso. Mas vi.

EU ME SENTEI NO REFEITÓRIO. ESTAVA BARULHENTO. NÃO conseguia me concentrar. Minha cabeça doía.

Um cara chamado Clint passou pela minha mesa com seus amigos.

Eu estava sozinho.

Ele disse:

— Retardado de merda.

Os amigos dele riram.

Levantei e vi o medo em seus olhos. Eu era maior do que ele.

Virei e saí, porque minha mãe havia me dito que eu não podia mais brigar.

Clint disse alguma coisa por trás de mim e os amigos riram outra vez.

Eu disse a mim mesmo que, quando tivesse amigos, não seríamos maldosos como eles.

Ninguém me incomodou quando me sentei lá fora. Foi quase bom. Meu sanduíche estava gostoso.

ÀS VEZES EU CAMINHAVA NO BOSQUE. AS COISAS ERAM MAIS CLARAS lá.

As árvores balançavam ao vento. Os pássaros me contavam histórias.

Não me julgavam.

Um dia peguei um graveto e fingi que era uma espada.

Saltei sobre um riacho, mas era muito largo e molhei os pés.

Deitei-me no chão e fiquei olhando o céu através das árvores enquanto esperava minhas meias secarem.

Enfiei os dedos na terra.

Uma libélula pousou em uma pedra perto da minha cabeça. Era verde e azul. Suas asas tinham veias azuis. Seus olhos eram pretos e brilhantes. Ela voou embora e fiquei imaginando quanto tempo ela viveria.

Alguma coisa se moveu à minha direita. Olhei naquela direção e ouvi um rosnado. Pensei que deveria correr, mas meus pés não funcionaram. Nem minhas mãos. Não queria abandonar minhas meias.

Então, em vez disso, falei:

— Olá.

Não obtive resposta, mas sabia que havia algo ali.

— Eu sou o Ox. Está tudo bem.

Uma lufada de ar. Como um suspiro.

Eu disse que gostava do bosque.

Tive um vislumbre de preto, mas logo desapareceu.

Quando cheguei em casa, meu cabelo estava sujo de folhas e havia um carro estacionado na frente da casa do fim da rua.

No dia seguinte tinha desaparecido.

NAQUELE INVERNO SAÍ DA ESCOLA E FUI PARA O RESTAURANTE. Eram as férias de Natal. Três semanas de nada além da oficina pela frente, e eu estava feliz.

Já tinha voltado a nevar quando abri a porta do Oásis. O sino da entrada tocou. Uma palmeira inflável ficava perto da porta. Um sol de papel machê se pendurava do teto. Quatro pessoas estavam sentadas ao balcão tomando café. Cheirava a gordura. Eu adorava.

Uma garçonete chamada Jenny estourou uma bola de chiclete e sorriu para mim. Eu estava duas séries abaixo dela. Às vezes ela também sorria para mim na escola.

— Oi, Ox — cumprimentou ela.

— Oi.

— Frio lá fora?

Dei de ombros.

— Seu nariz está vermelho — disse ela.

— Ah.

Ela riu.

— Com fome?

— Estou.

— Sente-se. Vou te trazer um café e avisar para a sua mãe que você está aqui.

Eu me sentei à minha mesa, no fundo. Não era minha mesa *de verdade*, mas todo mundo sabia que era.

— Maggie! — avisou Jenny na cozinha. — Ox está aqui. — Ela deu uma piscadela para mim enquanto levava um prato de torrada e ovo para o sr. Marsh, que flertava com um sorriso malicioso, apesar de já ter 84 anos. Jenny riu para ele, e ele comeu os ovos. Colocou ketchup neles. Achei estranho.

— Oi — disse minha mãe, colocando um café na minha frente.

— Oi.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Wolfsong (Green Creek)"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).